

POLIVOX

- [entrevistas](#)
- [ensaios](#)
- [discos](#)
- [aquela canção](#)
- [colunas](#)
- [especiais](#)
- [mais](#)
 - [perfis](#)
 -
 - [curtas](#)
 -
 - [improviso](#)
 -
 - [visual](#)
 -
- [sobre](#)
- [macaco elétrico](#)

[colunas](#)

Quando o momento histórico acende a chama

por [Eduardo Losso](#), junho de 2014

[Tweet](#)

- A+
- A-

Depois do período áureo, na música pop, do final dos anos 60 aos 70, de junção entre experimentalismo vanguardista e cultura de massa, que prometia uma indústria cultural mais flexível e meritocrática, desde o final dos anos 70 tenho insistido na ideia de que houve uma censura sistemática daquilo mesmo que o mercado permitiu anteriormente. Contudo, para quem lamentava que não havia um movimento artístico e musical da envergadura do tropicalismo ou da vanguarda paulista, vale a pena dar atenção ao atual grupo de músicos do Coletivo Chama. Geralmente o efeito mais diabólico do mercado está em isolar os artistas uns dos outros, fazê-los trabalhar contra si mesmos, isto é, para a própria engrenagem que os oprime, como é o caso do músico de estúdio. Por isso, é muito difícil que haja uma união de interesses que estimule o desenvolvimento pessoal e coletivo do trabalho artístico, convergindo especialidades diferentes para um mesmo objetivo.

Tal milagre ocorre, a meu ver, na ligação essencial entre cantores e instrumentistas desse movimento. A trindade dos cantores e compositores Thiago Amud (aquele que ganhou retumbante reconhecimento, no final de 2013, do jornal O Globo e de Caetano Veloso), Pedro Sá Moraes e a banda Escambo (com os cantores letristas Renato Frazão e Thiago Thiago de Mello) é feita de fortes personalidades poéticas, musicais e pensantes. Thiago Amud é ao mesmo tempo o grande poeta e grande compositor, que aproveitou o impulso do trabalho de Armando Lôbo e o trouxe para os outros membros do Coletivo. Com o esmero de *Sacradança*, 2010, os outros cantores encontraram uma base para desabrochar mais surpresas.

Partindo daí, os três escolheram ser acompanhados por instrumentistas de primeiro naipe. Os mais frequentes são: Daniel Marques, guitarra, tem destacada presença nos dois Cds de Thiago Amud, *Sacradança* e *De ponta a ponta tudo é praia-palma*, de 2013, bem como nas faixas mais reveladoras de *Claroescuro*, 2010, de Pedro, como “Incomunicável”. Altamente recomendável é seu trabalho solo como violonista, “Carnaval de perneta”, de 2012. Sergio Krakowski é um mago do pandeiro. No atual Cd de Thiago demonstra virtuosismo

numa faixa que teria tudo para ser um sucesso nas rádios, “Papoula brava”, se elas não fossem tão impenetráveis a tudo que soe acima da média. O terceiro é Ivo Senra, dono de toda uma concepção sonora do eletrônico pop, experimental e erudito, cada vez mais presente nos três trabalhos. Como os letristas-compositores não pretendem outra coisa senão fortalecer a potência musical, esses três músicos podem dar aos cantores toda a riqueza de suas pesquisas. Isso se dá especialmente no papel determinante de Ivo Senra no novo CD de Pedro Sá Moraes, *Além do princípio do prazer*. Além desses nomes, no mesmo CD de Pedro, a bateria sempre inusitada de Lúcio Vieira e, no Escambo, a integração cada vez mais dramática e intensa da bateria de Daniel Sili e a guitarra de Diogo Sili galvaniza a canção com a pura energia da integração da banda de rock. Forçoso dizer que é raro o rock brasileiro chegar ao pico de intensidade que eles atingem.

Assim, a ligação entre cantores-compositores e instrumentistas, no Coletivo Chama, é mais do que uma colaboração eventual: é o retorno à potencialização mútua entre o plano literário, composicional e instrumental que há muito não se vê em vigor.

Somado a isso, o plano visual das capas de discos, videoclips e concepção cênica também está sob o cuidado de um profissional totalmente integrado na proposta: o artista plástico Cesar Altai. Dele, destaco as seguintes direções de clips: o grandioso “Marcha dos acontecimentos” de Amud, cujo clima de carnaval assustador ilustra a acidez crítica da letra e o poderoso coro diabólico ascendente e culminante. “Incomunicável”, de Pedro, traduz a densidade lírica da letra, somada a um canon de vozes que mistura a palavra título com outra, “incomum”, num jogo cênico de pinturas de parede e tintas que tapam o óculos do cantor (“eu não sei ler”). “Espantar o mau vento”, de Escambo, com a atriz Fabiana Tolentino, lança imagens aceleradas da rua, telas desfocadas e falhas de TV, a modelo dançando, na frente ou no fundo dos cantores no palco, que vira festa, tudo em rico diálogo com o complexo jogo de ecos rítmicos entre os diferentes instrumentos deste Reggae peculiar.

Alem disso, é preciso destacar brevemente dois muito louváveis trabalhos em andamento: primeiro, a curadoria genuinamente artística e formadora de público de Pedro Sá Moraes dos eventos “Transversais do Tempo” e “Nascente Foz”, que interligaram os shows com debates críticos e apresentação de grandes poetas brasileiros; segundo, o programa chamado “Rádio Chama” da Rádio Roquette Pinto, toda sexta 20h, levando ao ar uma imensa leitura multitemática da relação da MPB com outros estilos musicais e a literatura.

Não são só eles que estão dando uma contribuição positiva atual à música popular brasileira, mas não posso deixar de constatar que só eles demonstram um tal nível de pesquisa e empenho estritamente artístico. Há aí uma feliz junção histórica de poetas, compositores e instrumentistas, que cuidam com afinco de todas as camadas que a canção brasileira explorou, que querem dar uma resposta à tradição, extraindo dela suas mais secretas lições. Todos eles estão igualmente aplicados em somar forças na contracorrente, aprender uns com os outros e sacrificar todo o suor e sangue para a musa da arte. Isso implica, necessariamente, em “recusar os dez bezerros de ouro” (Amud) do mercado, que tem sido demasiadamente intransigente ao banir e isolar verdadeiros artistas potencialmente populares, enquanto os mesmos estão aí, abertos, flexíveis e disponíveis, oferecendo biscoito fino para as massas. Afinal, não está na hora de “Papoula brava” cair na boca do povo? Não é no mínimo um enorme desperdício ocultar novos Chicos e Caetanos de seu público? Não?



Eduardo Losso é professor de teoria da literatura da UFRRJ. Pesquisa, entre outros temas, as metamorfoses da indústria cultural e do valor estético e poesia brasileira contemporânea.